

CAMINHANDO COM MAURICIO ABREU: ENCONTROS E TROCAS ENTRE UM HISTORIADOR E UM GEÓGRAFO

LAURENT VIDAL
Université de La Rochelle
lvidal@univ-lr.fr

Quero aqui apresentar o contexto dos meus encontros com Mauricio Abreu, assim como os desdobramentos dessas trocas intelectuais, das quais nasceu uma verdadeira amizade. Durante os vinte anos de diálogo, o professor amadureceu seu pensamento e sua prática da Geografia, de forma que, hoje, posso afirmar ter conversado com três figuras distintas: o historiógrafo, o arquivista e o geógrafo da história das cidades.

O HISTORIÓGRAFO

Como não me lembrar do meu primeiro encontro? Aqui, quero confessar uma coisa: quando encontrei o Mauricio Abreu (no início dos anos 1990), não posso afirmar que eu já “era” um historiador. Estava preparando um doutorado em História, após ter feito uma formação inicial em Ciências Políticas e em História e de ter passado dois anos em Paris, trabalhando com um grupo de pesquisa especializado sobre as cidades dos países em desenvolvimento (Interurba). Ou seja, era um puro produto da interdisciplinaridade que tentava escrever e inscrever um doutorado no campo da História.

Nesse grupo Interurba, estava encarregado de realizar um balanço da produção das teses francesas, defendidas durante os anos 1980, sobre as cidades em desenvolvimento. Com um sociólogo e um geógrafo, fiz um longo artigo para entender a evolução das temáticas e das metodologias. No artigo, fizemos comparações dos debates relacionados às ciências sociais existentes nos países em desenvolvimento – e eu fiquei encarregado da América Latina. Foi nesse exato contexto que descobri os primeiros trabalhos de Mauricio Abreu

e, mais especificamente, o seu livro sobre a *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. É importante precisar que naquela época a internet não existia e era difícil ter acesso às bibliografias feitas em países distantes, notadamente por um jovem pesquisador ainda não integrado em redes de pesquisadores.

Mas, voltando à minha descoberta dessa obra do Mauricio, lembro-me de que na pesquisa sobre as teses fazíamos a distinção entre os raros doutorandos que trabalhavam no campo da História sobre a cidade e os que utilizavam o passado para dar uma certa profundidade histórica aos problemas do presente. Evidentemente o livro do Mauricio se enquadrava nesse segundo grupo, como ele reconheceu mais tarde, numa entrevista concedida em 2008: “Esse trabalho caiu nas minhas mãos de forma bastante circunstancial. Eu participava, na ocasião, de um centro de pesquisas urbanas (o IBAM) e fui alocado para analisar o processo histórico da atuação do Estado e de suas políticas públicas, sobre a área metropolitana do Rio de Janeiro”.

Soube mais tarde que a sua participação nos primeiros Seminários de História da Cidade e do Urbanismo em Salvador, em 1990 e 1991, deixava em evidência os traços da primeira figura: Mauricio era um geógrafo que empregava a História para mergulhar nos fenômenos do presente. É exatamente o que ilustra o título da sua intervenção no segundo seminário, em 1991: “Construções do urbano: Estado, tempo e lugar”.

Por isso, quando fui encarregado, no grupo Interurba, de analisar as condições do surgimento e da utilização do conceito de “fragmentação urbana” nas ciências sociais brasileiras, pensei logo em Mauricio Abreu como uma fonte possível de informações. Tinha conseguido uma bolsa do governo francês para morar em Brasília e fazer as pesquisas para o meu doutorado e, ao mesmo tempo, consegui um pequeno financiamento relativo a essa questão da fragmentação. Como a palavra ainda era pouco utilizada em 1992-93, decidi entrevistar alguns representantes da área – e entre eles, o Mauricio. Foi assim que cheguei ao apartamento dele, na Rua Álvaro Ramos.

Como descrever esse momento? Não era exatamente o encontro que eu podia imaginar... Na França, as relações com os professores são mais formais e há uma separação mais rígida entre as esferas da vida privada e da pública. Com Mauricio, fiquei espantado, pois o homem que me recebeu não passava de um corpo em pedaços, quase inteiramente engessado: podia ver um pé, uma parte da perna ou panturrilha, uma cabeça... e uma mão que se estendia até a minha.

Nessa situação tão difícil, já que tinha sofrido um grave acidente de carro, ele teve a elegância de me receber, sem nem saber quem eu era.

E começou então a falar. Ele havia realizado uma grande pesquisa para ser apresentada no 1º Simpósio de Geografia Urbana em São Paulo em 1989: “O estudo geográfico da cidade no Brasil: contribuição à história do pensamento geográfico brasileiro”, na qual soube claramente identificar o processo da adaptação/naturalização desse conceito das ciências sociais norte-americanas na literatura brasileira:

A abordagem é nova, mas a temática não é nova. Melvin Weber, nos anos 1970, já publicou sobre esta temática e a teoria liberal neoclássica. Hoje, o debate sobre o surgimento de novos grupos sociais e sua apropriação do espaço se faz a partir de novas bases teóricas. O aspecto fundamental a levar em conta é o desenvolvimento da técnica que induziu um fenômeno de globalização, e como este último se espacializa de modo fragmentado¹.

Além das explicações que me deu, fiquei impressionado com seu interesse pela historiografia das ciências urbanas no Brasil, seu desejo de entender as gêneses e desdobramentos dos diversos olhares disciplinares sobre a cidade brasileira.

Foi assim que nasceu entre nós um primeiro diálogo, um diálogo com o historiógrafo, o estudioso da evolução do campo de pesquisa sobre as cidades no Brasil. Não sei bem se era isso um diálogo entre um geógrafo e um historiador, mas pelo menos foi um laço forte que marcou nosso primeiro contato intelectual.

No ano seguinte, em Paris, o CNRS constituía um programa interdisciplinar de pesquisa sobre a cidade, no qual se desenvolvia uma pesquisa que tinha como título: *Programme international de recherche sur le champ urbain et les conditions historiques de l'émergence des compétences urbanistiques en Europe et en Amérique Latine*. Em novembro de 1994, um seminário foi organizado em Paris e, nesse quadro, o Mauricio pronunciou a conferência: *Penser la ville au Brésil, du XVIe au début du XXe siècle*. Assisti à conferência e posso dizer que o artigo, que foi publicado em 1997, teve um papel importante para a divulgação, na França, das condições de desenvolvimento do campo da História do Brasil urbano.

¹ Entrevista com Laurent Vidal – 12/03/1993. Os resultados dessa pesquisa foram publicados em dois artigos: Vidal (1995, 1994).

No artigo, Mauricio saiu do âmbito estrito da Geografia para recuperar a multiplicidade de olhares que participaram da construção de um saber sobre a história do Brasil urbano. E aqui, quero enfatizar a expressão “história do Brasil urbano”. Nessa fase de seu percurso intelectual, Mauricio Abreu não se preocupava somente com a cidade na história do Brasil, mas procurava entender as raízes do urbano, fenômeno que toma forma na segunda metade do século XIX. Uma boa ilustração dessa preocupação é o artigo que publicou em 1994: *Reconstruire une histoire oubliée. Origine et expansion initiale des favelas de Rio de Janeiro*. É importante dizer que uma tradução francesa foi publicada na revista *Genèses*, fundada notadamente por Christian Topalov (convidado no 1º SHCU) para repensar o diálogo entre disciplinas das ciências sociais. Ele mesmo trabalhava com o historiador Bernard Lepetit, que o Mauricio encontrou em Paris, no momento em que repensava o campo da história urbana.

O ARQUIVISTA

Mas vamos voltar aos anos 1994-1995 em Paris. No início de 1995, estava acabando a redação da minha tese de doutorado e encontrei com Mauricio Abreu no *Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine* (IHEAL). Sentamos para conversar e ele me falou do projeto de escrever uma história do Rio, do período colonial ao século XIX. Para isso, planejava ir a Portugal para ver alguns documentos originais no Arquivo Histórico Ultramarino. Como confessará na entrevista de 2008, até então havia trabalhado a partir de fontes secundárias e queria, nesse novo estudo, utilizar fontes primárias e originais:

Depois que saí do IBAM, onde foi feito esse trabalho, eu entrei para a Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde era obrigado a ter um projeto de pesquisa e a minha ideia foi, inicialmente, contemplar as carências (que eu já sentia que havia no trabalho original) com o acesso a fontes primárias. E desde esse momento que entrei nos arquivos, foi para nunca sair mais.

Em Lisboa, no Arquivo Histórico Ultramarino, ele encontra um historiador da arquitetura, Rafael Moreira, que vai ajudá-lo a se debruçar nos documentos contidos nas mais de 300 caixas de arquivos que encontra sobre o Rio colonial. Por ter sido o objeto de uma outra classificação, foi esse historiador que lhe indicou os documentos esquecidos. Como me escreveu o Rafael, em francês: *Je l'ai accompagné ici pendant ses recherches à l'Arquivo Ultramarino, on a eu un très intéressant échange d'opinions et de données documentaires sur*

l'architecture militaire du premier Rio – je veux dire, le vrai Rio, le Morro do Castelo ! J'aurais beaucoup à dire de sa méthode de travail dans un champ qui n'était pas le sien...

Surgiu aqui, ao lado do historiógrafo, o arquivista, nova postura intelectual do Mauricio. Abriu-se entre nós um outro campo de diálogo sobre os arquivos relativos à história das cidades brasileiras e começou uma verdadeira amizade, não só intelectual mas também pessoal. Nesse momento, Mauricio ficou tão envolvido com o projeto que, quando lhe ofereci a possibilidade de vir para a universidade de La Rochelle como professor convidado (em 1998), ele me respondeu que não podia, pois tinha que acabar de escrever o livro (essa era apenas a primeira vez que iria responder: “– Estou acabando!”, o que, ao final, se tornou uma brincadeira entre nós).

Mas, voltando ao arquivista, podemos perceber que, se o historiógrafo trabalhava sobre a história do Brasil urbano, o arquivista entrava num outro campo: a história das cidades no Brasil ou as cidades na história do Brasil.

Em 2004, foi ele que me convidou para uma conferência no VIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo em Niterói (evento que organizou com Marlice de Azevedo e Fania Fridman, notadamente). Na época, estava escrevendo meu livro sobre Mazagão e me lembro, durante minha estadia, de trocarmos várias dicas em torno dos arquivos, das multiplicidades das fontes para entender o nascimento e a formação das cidades no Brasil colonial. Lembro-me até de uma conversa com ele a esse respeito: a expressão “cidade colonial” não estava adequada para descrever as cidades nascidas no Brasil colonial, pois, em termos jurídicos, apresentavam as mesmas características que as cidades da metrópole.

Tivemos debates também em torno do léxico das cidades coloniais, pois entender o funcionamento delas implicava uma verdadeira ruptura com o nosso saber sobre as cidades contemporâneas. A cidade colonial (aqui, integro a vila também) não se deixava apenas descrever por suas formas urbanizadas. Os vazios, por exemplo, tinham um papel importante: como entender a cidade colonial sem entender o papel do *rosso*? Sem entender o papel do termo? Aliás, a percepção visual de pequenos agrupamentos enganou muitos viajantes europeus, deixando uma impressão de desorganização, enquanto representavam uma ordem política e uma organização social. Um outro elemento importante para a obra do Mauricio na definição que tinha das cidades na época colonial

foi o entendimento sobre o papel dos muros. Não tinham apenas um papel de proteção contra os índios ou os piratas, mas de distinção (afirmando o limite entre civilização e natureza). No último livro dele, conta como, graças ao apoio do Rafael Moreira, conseguiu resolver o enigma da esfinge: a significação da palavra “trasto”, que aparecia tanto nos arquivos... e que designava, afinal, um muro.

Experimentando métodos e hipóteses, buscando um ângulo original para entender a cidade colonial no Brasil, seu surgimento e sua evolução, o arquivista não buscava apenas desvendar a formação do Brasil urbano, mas o papel das cidades e de outros núcleos urbanos ao longo da história.

Ousarei então afirmar que foi nos arquivos históricos que se descobriu geógrafo, ou seja, que Maurício Abreu assumiu um olhar especificamente geográfico para trabalhar a história como material. Aqui já começa a aparecer a terceira postura que ele vai assumir: o promotor da Geografia Histórica.

O PROMOTOR DA GEOGRAFIA HISTÓRICA BRASILEIRA

Como me confessou em 2008:

A Evolução Urbana do Rio de Janeiro foi escrita 31 anos atrás, em 1977 (porém, o relatório inicial foi divulgado em 1978). Naquela época, eu nem sabia, para ser sincero, o que era Geografia Histórica. Eu nunca havia feito um trabalho que incorporasse o tempo na análise geográfica, a não ser de forma superficial – por exemplo: uma leitura de resultados de censos recentes.

Mas o arquivista vai justamente chegar à sua própria descoberta da Geografia Histórica. E vamos ouvi-lo de novo a esse respeito:

[No arquivo] não só fui aprendendo a trabalhar com a História, mas a ler os trabalhos de História e descobrir que existia a Geografia Histórica, que era algo muito mais amplo do que eu imaginava antes. [...] Então, foi um processo bastante complexo, cada vez mais complexo, que me levou a este estágio atual, em que eu já considero dominando muito disso, mas ainda tenho muito que aprender.

Meus diálogos com o promotor da Geografia Histórica não giravam em torno das questões fundiárias, nem em torno da legislação urbanística portuguesa. Nosso diálogo envolvia uma outra dimensão. Gostaria de chamar a atenção sobre alguns títulos de artigos: “Reconstruindo uma história esquecida”; “Reencontrando a antiga cidade de São Sebastião”. Eu acho que aqui temos uma chave para entender um dos motivos, talvez um dos mais fortes, do

interesse do Mauricio pela história: lutar contra o esquecimento sempre foi dar uma outra chance ao que foi apagado – e aqui reencontramos o próprio Michellet, que descreve o historiador como o administrador das almas dos mortos, ou Walter Benjamin, que atribui ao historiador o papel de resgatar para consertar o passado. Esse viés pode ser tanto aplicado aos homens, quanto a uma cidade apagada, como foi para Mauricio o primeiro Rio. Por exemplo, durante o simpósio que organizei em La Rochelle, em 2005, *La ville au Brésil, naissances, renaissances*, ele apresentou uma conferência intitulada: *À La recherche du Rio de Janeiro du XVIIe siècle*, onde ensaiou seus famosos mapas conjecturais (aqui, temos verdadeiramente um título proustiano).

Além disso, podemos perceber na sua obra uma inclinação pelos momentos de gênese: o historiógrafo e a gênese do campo dos estudos urbanos nas ciências sociais, o arquivista garimpando os mais variados documentos e oferecendo informações sobre os primórdios da cidade, e o geógrafo da história do Rio, querendo entender sua forma inicial. Eu acho, então, que seu interesse pelas gêneses contribuiu também para nos aproximar. Mas de fato, nunca chegamos a conversar sobre isso. Esses momentos de gênese apresentam uma particularidade, pois são feitos de inacabados, de experimentações, de possibilidades abertas, que convidam a experimentar novas metodologias...

Em 2008, fui professor convidado no Departamento de Geografia da UFRJ e trabalhei mais diretamente com Paulo Gomes (pois afinal, foi ele que o Mauricio me indicou para vir como professor convidado, em 1998, em La Rochelle), sem no entanto nunca deixar de receber o apoio de Mauricio. Na época, escrevia um livro sobre o último dia do Rio como capital, que passou a ser intitulado *As lágrimas do Rio*. Lembro-me bem de ter conversado com ele a respeito da minha pesquisa, não só como testemunho desse último dia, mas também porque havia escrito um artigo sobre a memória das cidades, discutindo até Marcel Proust (que foi para mim um guia nessa pesquisa). Falamos das propostas antigas de Maximilien Sorre e da possibilidade de uma “geografia psicológica”. E daí em diante iam nossas conversas. Um detalhe: sempre em um restaurante diferente, pois Mauricio adorava me apresentar lugares novos no Rio.

Durante essa estadia, usei perguntar (não saberia dizer exatamente quantas vezes foram desde 1998): “E seu livro, quando vai acabá-lo?” E ele me respondeu: “Acabei!” Fiquei tão espantado, afinal eu esperava a resposta tradi-

cional “estou acabando”, que falei o seguinte: “Então, antes de voltar para a França, quero fazer uma longa entrevista com você sobre a história desse livro, que se confunde, vamos combinar, com sua história de vida e um pouco com nossa amizade. E a longa entrevista, que fica hoje como testemunho de nossas trocas intelectuais, foi gravada em 12 de junho de 2008...”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maurício de Almeida. *A Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO/Zahar, 1987.

_____. À La recherche du Rio de Janeiro du XVIe siècle. VIDAL, Laurent (Dir.). *La ville au Brésil (XVIIIe – XXe siècles) : naissances, renaissances*. Paris: Les Indes Savantes, 2008. P. 17-34.

_____. Construções do urbano: Estado, tempo e lugar. In: FERNANDES, Ana; GOMES, Marco Aurélio A. de Figueira (Org.). *Cidade e História: Modernização das Cidades Brasileiras nos Séculos XIX e XX*. Salvador: UFBA, 1992. P. 169-173.

_____. O estudo geográfico da cidade no Brasil: contribuição à história do pensamento geográfico brasileiro. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 56, n. 1/4, p. 21-122, jan./dez., 1977.

_____. Penser la ville au Brésil, du XVIe au début du XXe siècle. In: JOUSSEMET, Anita (Ed.). *La recherche sur la ville au Brésil*. Actes des journées franco-brésiliennes du PIR-Villes. Paris: Editions du CNRS, 1997. P. 13-36.

_____. Reconstruire une histoire oubliée. Origine et expansion initiale des favelas de Rio de Janeiro, *Genèses*, Paris, n. 16, p. 45-68, juin, 1994.

VIDAL, Laurent. *Mazagão, a cidade que atravessou o Atlântico*. São Paulo: Martins Editora, 2008 [2005].

_____. Une notion Emergente : la “fragmentation”. *Les Annales de la Recherche Urbaine*, Paris, n. 65, p. 122-124, déc. 1994.

_____. Les mots de la ville au Brésil : un exemple, la notion de “fragmentation”, *Cahiers des Amériques Latines*, Paris, n. 18, p. 161-181, 1995.

VIDAL, Laurent; LEIMDORFER, François. Les thèses françaises sur les villes des pays en développement : 1980-1990. *Pratiques urbaines*, Paris, GDR Interurba, n. 10, 1992, 159 p.